



A experiência Coolie na América Latina (Cuba, Peru e México) e as possibilidades de uma história transnacional¹

Transnational history and the possible approaches of the coolie experience in Latin America (Cuba, Peru and Mexico)

João Ítalo de Oliveira e Silva
Doutorando em História
UFMG
joao_italo@hotmail.com

Recebido em: 18/07/2016

Aprovado em: 10/08/2016

RESUMO: A diáspora chinesa tem despertado grande interesse na historiografia internacional nos últimos anos. Trabalhos para além das fronteiras nacionais têm sido realizados por pesquisadores que buscam mostrar as conexões dessas comunidades chinesas em diversos países. A historiografia brasileira, contudo, não vem demonstrando o mesmo interesse em estudar as ligações desses imigrantes com os outros países da região. Realizados normalmente por meio de uma historiografia com ênfase na história nacional, a academia brasileira vem deixando de abrir novas frentes de análise possibilitadas pela história transnacional. Pretende-se, portanto, nesse texto, realizar um balanço historiográfico sobre o tema na historiografia internacional – principalmente os casos cubano, mexicano e peruano –, e nacional com o intuito de apresentar e discutir caminhos possíveis a serem percorridos por novos estudos.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração chinesa, balanço historiográfico, história transnacional

ABSTRACT: The sudden increase in the international interest over the chinese diaspora in the past few years has been able to produce many good papers. The research has been aimed on a cross-national knowledge by acknowledging Chinese communities connections across many countries around the World. Despite of this international attention, Brazilian historiography has stayed apart of this growing interest. Many of the new studies over the topic have considered this immigration in a national point of view. Brazilian historiography could benefit from a transnational approach. This paper intends to trace a historical overview over international – focusing on the studies over Cuba, México and Peru –, and Brazilian academic production in order to discuss and even present some possible ways.

KEYWORDS: Chinese immigration, historical overview, transnational history

Em 18 de Maio de 1874: desembarca em Cuba uma delegação composta por um representante francês, um americano que sob a supervisão e autoridade de um alto funcionário chinês, Ch'em Lan Pin (Chin Lanpin), deveriam averiguar as condições dos trabalhadores

¹ Esse trabalho foi realizado sob a orientação da professora Regina Duarte Horta e graças às discussões realizadas na disciplina Seminário de Tese ministrado pelo professor José Newton Coelho Meneses. Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-graduação em História, UFMG.



chineses na ilha caribenha.² Essa comissão surgiu após grande pressão internacional de jornais e diplomatas de várias nacionalidades que acusavam os governos coloniais de Portugal e da Espanha³ de acobertarem a prática de trabalho rigorosa imposta por grandes fazendeiros aos imigrantes asiáticos que muito se assemelhava à escravidão. O governo chinês aceitou a mediação das embaixadas russa, britânica, francesa, alemã e norte-americana para resolver o problema. O episódio acima descrito relata o envolvimento de atores vindos de diversos pontos do mundo, localizados em três continentes, em torno de uma vasta polêmica que permeou todo o século XIX: a escravidão e o trabalho livre.

Um historiador determinado a realizar uma história nacional utilizaria o documento para entender a diminuição da entrada de trabalhadores asiáticos em Cuba e/ou para refletir sobre as condições de trabalho no país. Os relatos dos imigrantes chineses compilados no relatório *The Cuba Commission Report* contribuíram para o aumento da pressão internacional para o término da imigração de trabalhadores por meio de contratos.⁴ Entre os vários usos que essa fonte nos permite, a compreensão desses imigrantes em escala global seria mais um caminho possível. Esse relatório redigido por uma comissão multinacional faz parte de uma discussão mais ampla que inclui um debate transnacional em torno do conceito de contrato (e de consentimento) e da forma como esses acordos deveriam ser compreendidos e implementados.⁵ Vale pensar que a questão laboral estava no centro da discussão em diversas sociedades.⁶ Debatia-se simultaneamente os *Servant Acts* na Inglaterra, a escravidão na América e os contratos de trabalho de imigrantes chineses e indianos. Colocava-se em questão a aplicabilidade de uma agenda liberal e a operacionalidade da noção de direitos e de liberdade em uma sociedade em transição.

² A investigação ocorreu no ano de 1874 e a sua publicação revelou a crueldade do tratamento desses imigrantes bem como o seu recrutamento forçado nos portos de origem. Lan Pin reuniu informações após conversar com trabalhadores chineses em fazendas e nas cidades. A publicação desse relatório, em 1877, levou a Espanha a assinar um tratado que terminava com o tráfico “coolie”. Para saber mais *The Cuba Commission Report: a hidden history of Chinese in Cuba*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1993.

³ As potências ibéricas estavam nas duas pontas do comércio, isto é, Macau – possessão portuguesa na Ásia – era o porto de origem e Cuba – colônia espanhola – o lugar de destino dessas populações.

⁴ O governo britânico condenava os contratos assinados em Macau e executados em Cuba como um contraponto ao seu sistema de trabalho com mão de obra chinesa e indiana no Caribe. Somente a experiência britânica, segundo os diplomatas ingleses, seria bem regulada e garantiria a liberdade desses imigrantes. YOUNG, Elliot. Chinese Coolies, Universal Rights and the Limits of Liberalism in the Age of Empire. *Past and Present*, Oxford, n 227, p 121-149, maio 2015, p 124.

⁵ YUN, Lisa. *The Coolie Speaks: Chinese indentured laborers and African slaves of Cuba*. Philadelphia, EUA: Temple University Press, 2008, p.105.

⁶ Na Inglaterra, por exemplo, ocorria um intenso debate sobre as punições possíveis aos operários que rompiam os contratos. Algumas cláusulas desses acordos aprisionavam o trabalhador enquanto os patrões tinham mais autonomia para descumprir alguns dos termos acordados. Cf. STEINFELD, Robert J. *Coercion, contract, and free labor in the nineteenth century*. New York: Cambridge University Press, 2001. p. 4



A construção da história pela perspectiva transnacional apresenta outras possibilidades que muitas vezes permaneceriam encobertas quando a pesquisa se propõe a estudar a história nacional. O debate em torno do uso da mão de obra chinesa, chamados desdenhosamente de *coolie*⁷, assumira escala global entre as décadas de 1840 e 1880 ao impactar países em todos os continentes. Potências coloniais europeias, como a Grã-Bretanha e Portugal, desafiavam a resistência do governo chinês⁸ à saída dos seus nacionais ao permitirem o uso dos seus portos, respectivamente Hong Kong e Macau, para a contratação desses trabalhadores. Os responsáveis por esse transporte comerciavam sob a bandeira de mais de 20 países⁹ e foram frequentemente comparados aos traficantes de escravos africanos. A polêmica em torno dessa passagem do oceano Pacífico mobilizou a imprensa internacional que denunciava os maus tratos, os castigos físicos e o recrutamento forçado. A questão ganhou proporção global por envolver países de destino na América, Oceania, África e Ásia.¹⁰

Vocalizaram as suas opiniões, interlocutores nos mais variados pontos do Mundo que problematizavam não só a precariedade do transporte bem como as condições às quais essas populações estavam sujeitas no local de destino. Discutir o uso dos trabalhadores *chins* significava pensar as relações de trabalho, contemporizar sobre os caminhos do liberalismo e, em alguns casos, refletir sobre a composição racial de algumas nações. Esse debate envolvia, portanto, organizações internacionais favoráveis ao abolicionismo, grupos econômicos ligados ao comércio e governos em busca de soluções para a falta de braços.

⁷ A palavra *coolie* provavelmente teve origem na palavra Hindi *koli* referente a uma população na Índia ou a agricultores pagos pelo dia de trabalho. Os ocidentais utilizaram a palavra com um sentido depreciativo ao referir-se a mão de obra asiática, normalmente chineses e indianos, ligados por contratos de trabalho rigorosos. NARVAEZ, Benjamin. *Chinese Coolies in Cuba and Peru: Race, Labor, and Immigration, 1839-1886*. 538f. Tese (Doutorado em Filosofia) - The University of Texas at Austin, Escola de Pós-Graduação, Austin, 2010, p. 12.

⁸ Proibida na China por questões de políticas de segurança, a emigração permaneceu ilegal no país até 13 de setembro de 1893. A revogação dessa lei permitiu a emissão de passaportes e a diminuição do constrangimento dos expatriados que retornavam ao país. BASTID-BRUGUIERE, Marianne. Currents of social change. In: FAIRBANK, John K. e LIU, Kwang-Ching, *The Cambridge History of China*. New York: Cambridge University Press, 1980, p. 575.

⁹ O historiador Arnold Meagher registrou 742 navios tendo como destino a América Latina. França, Peru e Grã-Bretanha estão entre as nações com mais de 100 embarcações. Espanha, Estados Unidos, Itália, Portugal, El Salvador, Holanda, Rússia, Alemanha, Chile, Áustria, Noruega, Bélgica, Dinamarca, México, Colômbia, Equador e Suíça compõem o conjunto de nações que mais transportaram chineses. MEAGHER, Arnold. *The Coolie Trade: the Traffic in Chinese Laborers to Latin America, 1847-1874*. Bloomington, IN: Xlibris Corporation, 2008. (e-book) posição 4570.

¹⁰ A dispersão da mão de obra chinesa no século XIX envolveu um grande número de destinos como a Austrália, Nova Zelândia, Ilhas do Pacífico (Havai, Taiti, Nova Guiné, Samoa), Ilhas Maurício, Ilhas Reunião, Seychelles, Madagascar, África do Sul, Estados Unidos, Canadá, Cuba, Peru, México, Brasil, Panamá, Costa Rica, Suriname, Chile, Equador, Guiana Inglesa, além do Caribe Francês e Inglês. LAI, Walton Look. *The Chinese in the West Indies: a documentary history, 1806-1995*. Kingston, Jamaica: The Press University of the West Indies, 1998, p. 5-7. Para um panorama geral da história desses imigrantes em boa parte dos países na América, Cf.: HUI, Juan Hung. *Chinos em America*. Barcelona: Editorial Mapfre, 1992.



Abordar as grandes migrações populacionais ocorridas no século XIX e XX por meio da História Transnacional pode parecer natural e até certo ponto previsível. Entendemos a História Transnacional como uma perspectiva de estudo ao invés de um método específico. Ela seria um “guarda-chuva” que abriga ferramentas consagradas como comparação histórica, transferências culturais, vínculos, circulações ou história compartilhada.¹¹ Essa perspectiva foca nas conexões supranacionais que se manifestam através dos indivíduos, de identidades não nacionais, de atores não estatais, de objetivos compartilhados por pessoas e comunidades independente da nacionalidade.¹² Dentre os temas que naturalmente se beneficiariam por meio da análise da transnacionalidade estariam a pesquisa sobre as organizações internacionais, as ONGs, os movimentos sociais, o meio-ambiente, a história imperial e, seguramente, as migrações e as diásporas.

O tráfico de coolies, contudo, nem sempre foi estudado pelo prisma da História Transnacional. Grande parte dos estudos priorizou a narrativa de cada Estado refletindo sobre os impactos da chegada dos chineses na realidade cultural de cada sociedade, nem sempre percebendo esse processo como diáspora¹³ e, portanto, desconsiderando a transnacionalidade implícita ao tema. Esses trabalhadores asiáticos atraíram maior atenção nos lugares que receberam maior quantidade de *coolies*, principalmente Cuba, Peru e Estados Unidos. Os historiadores de outros países dedicaram menor importância ao assunto, pois partiam do pressuposto que a presença de alguns milhares de imigrante – que não chegaram a formar comunidades numerosas –, não justificaria a realização de estudos de maior fôlego.

A percepção desse objeto pela ótica transnacional propicia outra compreensão, especialmente no estudo dessas comunidades em países que não receberam grandes quantidades de trabalhadores asiáticos. Busca-se entender como uma intelectualidade específica se inseria em um debate de escala global. Legisladores brasileiros referendavam as suas opiniões por meio de exemplos das realidades cubana, peruana e californiana. Diplomatas foram mobilizados em

¹¹ STRUCK, Bernhard, FERRIS, Kate e REVEL, Jacques. Introduction: Space and Scale in Transnational History. *The International History Review*, vol. 33, No. 4, December 2011, 573.

¹² IRIYE, Akira. *Global and Transnational History; the Past, Present and Future*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013, p.15.

¹³ O termo diáspora utilizado aqui se refere à ideia de uma coletividade que compartilha uma história comum de dispersão da terra natal (real ou imaginária) e de assentamento em algum outro lugar. Essa coletividade mantém um senso de conexão simultânea com o lugar de origem e de destino, bem como com aqueles membros da comunidade dispersos em outros países. Surgido para entender o caso judeu, utilizamos o conceito de diáspora para pensar em uma comunidade cujos laços envolvem a China e os chineses que habitam em outras regiões do Mundo. Serve para pensar, por exemplo, nas redes de financiamento que envolviam chineses na Califórnia, em Sonora(México), Nova York, Havana, Havaí, Hong Kong e Xangai. Essas redes, adma de tudo transnacionais, ajudam-nos a pensar os inúmeros trânsitos e influências ocorridos nessas comunidades. Para aprofundar no conceito, ver SIU, Lok C. D. *Memories of a Future Home: diasporic citizenship of Chinese in Panama*. Stanford, California: Stanford University Press, 2005, p.10-11.



diversos países e convidados a escreverem pequenos textos que deveriam esclarecer as dúvidas quanto à adaptação e à viabilidade dessas populações. Ao encarar a imigração como diáspora, o pesquisador encontra outras possibilidades de estudo uma vez que não foi preciso necessariamente receber grandes quantidades de migrantes para que as intelectualidades de diversos países abordassem o assunto.

O olhar transnacional convida o historiador a pensar no problema para além das fronteiras nacionais com o intuito de explorar as interconexões existentes entre nacionais de diferentes países. A formação de uma rede internacional que envolveu chineses na Califórnia, no Havaí, em Cuba e no Peru pode ser um caminho a ser explorado por pesquisas que abandonam a história nacional como foco principal. Essa proposta é apenas uma entre os vários caminhos de uma pesquisa que encare a história pela ótica transnacional pode seguir. Buscar-se-á nesse texto realizar um balanço historiográfico em torno dos trabalhos desenvolvidos sobre o assunto realizados por pesquisadores brasileiros, bem como internacionais. O principal objetivo desse artigo consiste em refazer algumas trajetórias metodológicas percorridas com o objetivo de repensar os caminhos abertos pela perspectiva transnacional.

A historiografia internacional sobre a diáspora chinesa no século XIX

Historiadores negligenciaram por um longo tempo o papel dos chineses na América Latina. Bem como salientou Benjamim Narvaez¹⁴, esses trabalhadores asiáticos eram citados em sua grande maioria como nota de rodapé em estudos que abordavam outros tópicos. Evelyn Hu-Dehart¹⁵ destacou a pequena importância da região entre os pesquisadores dos chineses no exterior. Essas investigações teriam destacado a história desses imigrantes no Sudoeste Asiático, na Oceania e nos Estados Unidos. A experiência dos *coolies* na América Latina teria sido reduzida às agruras do transporte até o destino e às tribulações que os esperavam nessas novas sociedades.

Textos clássicos da historiografia cubana como *O engenho* de Manuel Moreno Fraginals¹⁶ e *A Emancipação escrava em Cuba* de Rebecca Scott¹⁷ mencionaram os trabalhadores asiáticos como coadjuvantes dentro do debate mais amplo da escravidão. Discutiu-se a transição do trabalho livre e os mitos elaborados em torno da inteligência asiática em relação ao atraso dos

¹⁴ NARVAEZ. *Chinese Coolies in Cuba and Peru*, p.12.

¹⁵ HU-DEHART, Evelyn. On Coolies and Shopkeepers: The Chinese as *Husngong* (Laborers) and *Huashang* (Merchants) in Latin America/ Caribbean. In: ANDERSON, Wann W. e LEE, Robert G. (org). *Displacements and Diasporas: Asians in the Americas*. New Brunswick, EUA: Rutgers University Press, 2005, p.80.

¹⁶ MORENO FRAGINALS, Manuel. *O engenho: complexo socioeconômico açucareiro cubano*. São Paulo: Ed. UNESP: HUCITEC, 1988.

¹⁷ SCOTT, Rebecca. *Emancipação escrava em Cuba*. Rio de Janeiro: Paz e Terra e Unicamp: ED Unicamp, 1991.



descendentes de africanos em Cuba, porém sem creditar a esse grupo um papel central na narrativa histórica. Ada Ferrer, em outro texto clássico, *Insurgent Cuba*¹⁸, citou, de forma ainda mais sucinta, a participação de asiáticos nas lutas pela independência cubana. Mencionados mais uma vez quase como um detalhe, os chineses acabaram sendo negligenciados sem nem mesmo merecer um parágrafo que problematizasse a sua importância no movimento. Relevância esta que seria posteriormente destacada no discurso que buscava ressaltar o papel das guerras de independência na união de uma sociedade cubana multiétnica.¹⁹

Os trabalhos pioneiros na abordagem do trabalhador chinês na América Latina destacaram as péssimas condições de trabalho à qual eles estavam sujeitos.²⁰ Entre os autores cubanos pode-se destacar Juan Jimenez Pastrana²¹ e Juan Pérez de La Riva²² que, na década de 1960, contaram parte da saga dessas populações na história do país.²³ Esse último incluiu os asiáticos em estudos da composição racial de Cuba, o que diferenciou a sua análise daquela feita pelos seus pares.

As obras de referência na historiografia peruana surgiram principalmente após os anos 1980. Gonzallo Villafuerte ressaltou os trabalhos de Humberto Rodríguez Pastor e Fernando de Trazegnies Granda como referência sobre o assunto. O primeiro autor tem uma obra extensa sendo que as primeiras publicações sobre o tema datam da década de 1970. Rodríguez Pastor considerou a participação dos chineses na Guerra do Pacífico, além de buscar entender as sociabilidades estabelecidas por essas populações na sociedade peruana. Trazegnies Granda, por outro lado, publicou um texto – *En el país de las colinas de Arena* –, na década de 1990, em que analisa a questão sob a perspectiva do direito.²⁴ Esses trabalhos afastam-se da tradição de vitimizar essa comunidade ao perceber as estratégias adotadas pelos imigrantes para questionar os

¹⁸ FERRER, Ada. *Insurgent Cuba. Race, Nation, and Revolution, 1868-1898*. Chapel Hill, NC, EUA: The University of North Carolina Press, 1999.

¹⁹ Em um monumento construído, em 1931, em homenagem aos chineses que lutaram na independência do país eternizou-se a seguinte frase: “No hubo un chino cubano desertor. No hubo un chino cubano traidor.”

²⁰ O historiador norte-americano Benjamin Narvaez menciona o pioneirismo das obras de Watt Stewart. *Chinese Bondage in Peru: A History of the Chinese Coolie in Peru, 1849-1874*. Durham: Duke University Press, 1951; Duvon Clough Corbitt. *A Study of Chinese in Cuba, 1847-1947*. Wilmore: Kentucky: Asbury College, 1971;; e

²¹ Juan Jiménez Pastrana. *Los Chinos en las luchas por la liberación cubana (1847-1930)*. Havana: Instituto de Historia, 1963.

²² Juan Pérez de La Riva. *Demografía de los culies chinos en Cuba, 1853-74*. Havana: Biblioteca Nacional “José Martí”, 1967.

²³ Yaíma Alemán destacou a importância da pesquisa de Juan Perez de La Riva que junto a outros historiadores produziu uma obra que transcendeu o binômio nacionalismo-marxismo comum aos textos produzidos pelos historiadores da ilha na década de 1960. MARTÍNEZ ALEMÁN, Yaíma. *La función ideológica de la historiografía cubana en la década de sesenta del siglo XX*. Captado em: http://lasa-4.univ.pitt.edu/LARR/prot/fulltext/Vol48no3/48-3_168-180_Aleman.pdf Acesso em: 01 de Julho de 2016.

²⁴ VILLAFUERTE, Gonzalo. Aspecto Generales de la inmigración y la demografía china em el Perú (1849-1903). In: *Historia 2.0; Conocimiento Histórico em Clave Digital*, Bucaramanga, Año II, Número 4, diciembre 2012, p.126.



seus superiores e conquistar uma integração com a sociedade. Essas análises, contudo, priorizaram o universo dos estados nacionais e realizaram poucas comparações com outras realidades.

Os estudos realizados pela professora da Universidade de Brown, Evelyn Hu-Dehart, na década de 1980 contribuíram para expandir o escopo das pesquisas que a sucederam. A historiadora explorou temas como os mercadores, os trabalhadores, as organizações sociais e culturais dos chineses e a sinofobia em países como México, Cuba e Peru.²⁵ Esses textos ajudaram a posicionar a América Latina como uma região relevante no estudo da diáspora asiática. Anteriormente, o interesse dos pesquisadores norte-americanos quando estudavam os chineses no exterior limitava-se à interação desses imigrantes em sociedades do sudoeste asiático, do oeste dos Estados Unidos e do Havaí ou da Austrália. K. Scott Wong²⁶ destacou a importância do trabalho de Hu-Dehart para reestruturar a percepção desse campo de estudo – *Asian-Studies* –, para qualquer população de origem chinesa e seus descendentes em qualquer país da América. Essa reformulação trouxe uma contribuição significativa para a compreensão da diáspora chinesa.²⁷

Uma nova onda de trabalhos dentro da historiografia dos Estados Unidos buscou alargar o campo de análise ultrapassando os limites das fronteiras nacionais. A academia norte-americana passou a considerar os estudos asiáticos – *Asian American Studies* –, por meio da perspectiva transnacional a partir do princípio da década de 1990. Os estudos chineses, de acordo com Christopher Lee, tiveram uma grande participação nessa nova interpretação, pois passaram a compreender uma comunidade chinesa independente de fronteiras e de Estado.²⁸ A apreciação da temática por meio do conceito de diáspora subentende um caráter transnacional que considera formações socioculturais espalhadas no espaço e no tempo e não se restringe a um país específico.

²⁵ Entre as obras da autora destaca-se: *Chinese Coolie Labour in Cuba in the Nineteenth Century: Free Labour or New Slavery?*. *Slavery and Abolition*, 14 (1993). *Racism and Anti-Chinese Persecutions in Mexico*. *Amerasia Journal*, 9:2 (1982): 1-28 e *Coolies, Shopkeepers, Pioneers: The Chinese of Mexico and Peru (1849-1930)*. *Amerasia Journal*, 15:2 (1989):91-116.

²⁶ WONG, K.Scott. *Diasporas, Displacements, and the Construction of Transnational Identities*. ANDERSON, Wannu W. e LEE, Robert G. (org). *Displacements and Diasporas: Asians in the Americas*, p.44.

²⁷ Algumas coletâneas como a organizada por Walton Look Lai e Tan Chee-Beng exploram os chineses na América Latina. LAI, Walton Look e CHEE-BENG, Tan. *The Chinese in Latin America and the Caribbean*. Leiden, Holanda: Brill, 2010. A compilação de Wannu Anderson e Robert Lee reúnem experiências de grupos com menor representatividade numérica como os vietnamitas no Canadá ou dos laocianos nos Estados Unidos e de chineses e japoneses na América Latina.

²⁸ LEE, Christopher. *Diaspora, Transnationalism, and Asian American Studies: Positions and Debates*. ANDERSON, Wannu W. e LEE, Robert G. (org). *Displacements and Diasporas: Asians in the Americas*, p.23.



Seguindo os caminhos propostos por Hu-Dehart, outras pesquisas passaram a abordar a temática por um prisma transnacional e consolidaram a América Latina como uma região importante no campo de estudos da diáspora chinesa. Três trabalhos – *The Coolie Speaks* de Lisa Yun, *Chinese Coolies in Cuba and Peru* de Benjamin Narvaez e *Chinese Cubans* de Kathleen López –, exemplificam o aumento de produção historiográfica sobre o tema e os novos caminhos teórico-metodológicos encarados por esses historiadores.

Lisa Yun²⁹ deu voz aos imigrantes chineses de meados do século XIX ao realizar um minucioso trabalho que considerou relatos, romances, atas de julgamentos de mais de 2841 *coolies* em Cuba. Ao escutar esses personagens que por tanto tempo permaneceram à margem da história, a pesquisadora investiga a vida desses trabalhadores por uma perspectiva transnacional. O enfoque na realidade da ilha caribenha não impediu a autora de perceber o seu objeto como o nascimento de um conceito de contrato e de consentimento laboral que extrapola a realidade cubana.

O trabalho de Benjamin Narvaez³⁰ avançou na comparação entre as realidades chinesas no Peru e em Cuba ao se libertar de uma história comparativa tradicional que se limita a apontar semelhanças e diferenças entre as duas realidades. Ao analisar os dois países que mais receberam chineses no século XIX na América Latina, o pesquisador optou por tratar as duas realidades de forma contígua e lançou mão de exemplos nas duas sociedades para sustentar seus argumentos. Amparado por uma larga bibliografia e por uma documentação relevante, o historiador analisa as realidades de trabalho, a resistência dos trabalhadores e as políticas governamentais das duas sociedades.

A pesquisa de Kathleen Lopez³¹, diferentemente dos seus antecessores, partiu da sociedade cubana pós-emancipação para traçar redes de sociabilidade que auxiliam na construção de identidades múltiplas dos chineses: chineses-cubanos e afro-chineses. Ao analisar a realidade republicana, o seu estudo não se fia na discussão das condições de trabalho e refaz a construção de uma comunidade chinesa livre dentro de uma sociedade em transformação. A perspectiva transnacional serviu à autora para a percepção das redes que envolviam comunidades sino-americanas em São Francisco, Nova Iorque e Havana. Kathleen Lopez debruça-se sobre as conexões entre a diáspora africana e chinesa. O trabalho da pesquisadora demonstra que a

²⁹ YUN, Lisa. *The Coolie Speaks: Chinese indentured laborers and African slaves of Cuba*. Philadelphia, EUA: Temple University Press, 2008.

³⁰ NARVAEZ. *Chinese Coolies in Cuba and Peru*.

³¹ LÓPEZ, Kathleen. *Chinese Cubans; a transnational history*. Chapel Hill, EUA: The University of North Carolina Press, 2013.



história transnacional é antes de tudo um prisma, um ângulo ou uma chave de análise sob a qual o historiador lança mão para entender uma mesma realidade sob uma ótica mais ampla, ou, em alguns casos, global. A partir de Cuba ela percebe trânsitos, conexões e reinterpretções que possibilitam a compreensão de uma realidade nacional sob um aspecto que excede as fronteiras da ilha caribenha.³²

Outros trabalhos na perspectiva de Kathleen Lopez começam a revelar inúmeras possibilidades para a pesquisa da imigração chinesa. Benjamin Narvaéz³³ destacou as obras de Adam Mckeow *The Chinese Migrant Networks and Cultural Change: Peru, Chicago and Hawaii, 1900-1936*, Lok Siu *Memories of a Future Home: Diasporic Citizenship of Chinese in Panama*, Walton Lai *Indentured Labor, Caribbean Sugar: Chinese and Indian Migrants to the British West Indies, 1838-1918*, Moon- Ho Jung *Coolies and Cane: Race, Labor, and Sugar in the Age of Emancipation* e o livro organizado por Andrew Wilson *The Chinese in the Caribbean* como bons exemplos de uma história transnacional. O texto de Moon-Ho Jung³⁴, por exemplo, estuda a trajetória dos chineses da Louisiana dentro de uma lógica mais ampla do que as fronteiras norte-americanas ao considerar questões globais da produção açucareira. A historiadora não deixa de perceber as realidades das colônias britânicas no Caribe e de Cuba para perceber uma realidade extremamente conectada.

A perspectiva transnacional na historiografia da imigração chinesa surgiu em alguns casos da necessidade dos historiadores em contarem a sua própria história. Walton Look Lai³⁵, por exemplo, nasceu em Trinidad de pais de origem chinesa que haviam migrado para a ilha no século XIX e XX. A história de seu pai, em especial, nascido no Panamá e tendo transitado na Jamaica antes de se estabelecer em Trinidad constituiu em um motivador para a pesquisa do autor. Look Siu³⁶ também compartilha de uma história familiar semelhante com a dispersão da sua família na segunda metade do século XIX para lugares distantes como Austrália, Nicarágua, Cingapura, Grã-Bretanha, Espanha e Estados Unidos. A sua pesquisa sobre a imigração no Panamá surgiu das conexões do seu pai com familiares que moravam na Nicarágua. Poderíamos pensar na história transnacional quase como uma demanda de uma parcela da sociedade que nem sempre se identifica com as identidades nacionais disponíveis e/ou são frutos dessas migrações

³² O trabalho de Kathleen López mostra como o sentimento anti-chinês reverberou dos Estados Unidos a Cuba bem como do sentido oposto. Chineses expulsos pela sinofobia na Califórnia e no México estabeleceram-se em Cuba, da mesma forma que essa comunidade no Caribe utilizou das suas conexões para se estabelecer em Nova Iorque.

³³ NARVAEZ. *Chinese Coolies in Cuba and Peru*, p. 14.

³⁴ JUNG, Moon-Ho. *Coolies and Cane: Race, Labor, and Sugar in the Age of Emancipation*. Maryland, EUA: The John Hopkins University Press, 2006.

³⁵ LAI, Walton Look. *The Chinese in the West Indies: a documentary history, 1806-1995*. Kingston, Jamaica: The Press University of the West Indies, 1998.

³⁶ SIU, Lok C. D. *Memories of a Future Home: diasporic citizenship of Chinese in Panama*. p.13



em massa. A historiografia demorou para acompanhar uma tendência mundial de pessoas e instituições que não mais respeitavam a lógica de uma sociedade baseada e focada no Estado. Como salientou Akira Iriye³⁷, a globalização já atuava com clareza a mais de vinte anos, quando os historiadores na década de 1990 perceberam a necessidade de realizar trabalhos para além das fronteiras nacionais.

A historiografia brasileira

A pequena quantidade de chineses que entraram no Brasil no século XIX, aproximadamente 3 mil³⁸, pode levar um leitor mais apressado a subestimar a importância desse fluxo migratório para a história do país. O ingresso desses trabalhadores, embora pouco significativo em números, despertou um grande interesse da intelectualidade brasileira, principalmente na segunda metade do século XIX. Preocupava-se com a escassez de mão de obra que a lei do Ventre Livre (1871) traria, e o imigrante chinês poderia ser a solução. Tratado comumente como um assunto de pé de página na historiografia brasileira³⁹, o tema possui extrema relevância, pois mobilizou figuras importantes da elite intelectual brasileira em uma disputa de posicionamentos acalorada. Positivistas, abolicionistas, republicanos e liberais movimentaram o debate sobre o assunto. Pode-se, a partir do estudo sobre a diáspora chinesa, discutir temas como a questão racial, a mão de obra, a colonização, as relações de trabalho, as discussões parlamentares, as relações internacionais, a agricultura, o tráfico negreiro, a rivalidade norte-sul (Nordeste/Sudeste), o abolicionismo e a identidade nacional.

Os primeiros trabalhos sobre o assunto datam da década de 1970 e abordam a discussão sobre a mão de obra no país no século XIX e a proposição do trabalho dos chineses como solução. Maria José Elias⁴⁰ desenvolveu alguns dos argumentos arrolados pelos debatedores da

³⁷ IRIYE. *Global and Transnational History*, p.27.

³⁸ Alguns autores levantaram esse número PERES, Victor Hugo Luna. *Os "chins" nas sociedades tropicais de plantação: estudo das propostas de importação de trabalhadores chineses sob contrato e suas experiências de trabalho e vida no Brasil (1814-1878)*. 171f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2013, p 70; CONRAD, Robert. The Planter Class and the Debate over Chinese Immigration to Brazil, 1850-1893. In: *International Migration Review*, New York, vol. 9, No 1, 1975, p.42.

³⁹ Vários estudos citaram o debate, mas não desenvolveram como tema. Alguns exemplos são: ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas; o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015; CERVO, Amado Luiz. *O parlamento brasileiro e as relações exteriores (1826- 1889)*. Brasília: Ed. UNB, 1981, 178-187. COSTA, Emília Viotti da. *The Brazilian Empire; Myths and Histories*. Belmont, CA: Wadsworth, 1988, p.97.; DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema de grande lavoura*. São Paulo: Paz e Terra, 1977; EAKIN, Marshall C. *British enterprise in Brazil; the St. John's Mining Company and the Morro Velho Gold Mine, 1830-1960*. Durham and London: Duke University Press, 1989. FREYRE, Gilberto. *A China Tropical e outros escritos sobre a influência do Oriente na cultura luso-brasileira*. São Paulo: Editora Global, 2011. MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: Editora Huátec, 2004, p. 251-253.

⁴⁰ ELIAS, Maria José. OS debates sobre o trabalho dos Chins e o problema da mão de obra no Brasil durante o século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 6º, 1971, Goiânia. *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*.



questão chinesa em jornais, opúsculos e livros. A autora destacou algumas polêmicas que o assunto levantou nos Congressos Agrícolas de 1878, salientou a participação de intelectuais importantes na discussão e refletiu sobre algumas propostas de imigração. Em outro artigo do mesmo período, Robert Conrad⁴¹ apontou algumas propostas de imigração que datam da primeira década do século XIX mantendo a análise dentro do campo da discussão em torno da mão de obra. O autor desdobrou alguns dos argumentos de abolicionistas importantes como Joaquim Nabuco e André Rebouças. Os posicionamentos dos fazendeiros, ao contrário do que o título nos leva a supor, quase não estão presentes no texto.

Nos anos 1990, a tese de José Roberto Teixeira Leite⁴² – *A China no Brasil* –, retomaria o tema ao realizar um ambicioso trabalho que buscava traçar a influência chinesa no Brasil. O autor destaca essa presença cultural nas artes decorativas, na pintura, na escultura, na agricultura e no comércio. Dentre as maiores contribuições do estudo de José Leite está o projeto encabeçado por D. João VI de transformar o país em um grande exportador de chá. Produzido, a princípio, no Jardim Botânico, o autor utiliza relatos de viajantes para discutir o cultivo do chá e a integração cultural desse povo. O debate sobre a imigração na década de 1870 e 1880 também foi discutida pelo historiador.

Após dez anos, um relativo silêncio sobre o assunto seria rompido com o trabalho do brasileiro Jeffrey Lesser que aprofundou na análise desse discurso e buscou entender o papel dessa polêmica – a viabilidade da imigração chinesa e seus impactos na composição do povo brasileiro –, na construção da identidade nacional. Trabalhando na fronteira com a antropologia, o historiador incluiu a questão chinesa dentro de uma discussão mais ampla da intelectualidade na construção de um conceito de brasilidade. Em seu livro *A negociação da identidade nacional*⁴³ o investigador considerou as questões levantadas em torno da imigração não europeia ao longo do século XIX e XX e, para isso estudou chineses, japoneses e sírio/libaneses. O texto aborda as correntes imigratórias não europeias e o seu processo de inserção nos projetos de identidade nacional, conseguindo trabalhar com as estratégias elaboradas pelos próprios imigrantes para facilitar a sua incorporação no imaginário nacional. Os chineses, portanto, ocupam apenas um dos capítulos do livro, pouco espaço para desenvolver os variados caminhos propostos pelo pesquisador. A discussão levantada pelo autor ganhou ainda mais maturidade na obra *A invenção*

⁴¹ CONRAD, Robert. The Planter Class and the Debate over Chinese Immigration to Brazil, 1850-1893. In: *International Migration Review*, New York, vol. 9, No 1, 1975.

⁴² LEITE, José Roberto Teixeira. *A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na arte e na sociedade do Brasil*. 698f. Tese (Doutorado em Belas Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 1992.

⁴³ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.



da *brasilidade*⁴⁴ de 2015 em que ele amplia a discussão da imigração incluindo os europeus no debate.

Publicado no Brasil em 2001, *A negociação da identidade nacional* serviu, e ainda serve, de referência para os demais trabalhos realizados na área. Três dissertações de Mestrado desdobram o tema, abordando-o de forma diferente. A primeira delas, defendida por Rogério Dezem⁴⁵ em 2003, *Matizes do “amarelo”*, explorou os discursos construídos em torno dos imigrantes asiáticos, chineses no século XIX e japoneses no século XX. O autor percebeu as permanências de alguns estereótipos referentes à “raça amarela”, percebidos como trabalhadores bons, dóceis e baratos. Essa visão modificou-se, contudo, na virada do século influenciado pela ascensão militar japonesa e as vitórias em conflitos contra a China e a Rússia. O país do sol nascente passou a ser visto como uma nação em ascensão que rumava ao progresso e, até certo ponto, representava uma ameaça graças ao seu afã imperialista. Os chineses, em contrapartida, eram estereotipados como preguiçosos, pouco higiênicos, supersticiosos, civilizadamente atrasados e viciados em ópio. Estes eram estigmas que corroboravam com a visão da China como um império em decadência.

A dissertação de Silvio Lima⁴⁶, *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*, analisou a temática pela perspectiva do discurso científico e das modificações que esse fluxo migratório traria para a composição racial brasileira. A atuação e o trabalho de Nicolau Moreira – renomado médico e ativo participante de movimentos sociais como o abolicionismo –, serviu para que Silvio Lima percebesse o papel do determinismo biológico na condenação do projeto de imigração chinesa. Leituras das obras Charles Darwin e Louis Agassiz serviram de fundamento para o desenvolvimento do pensamento de Nicolau Moreira. A entrada dos *coolies* criava um fórum para se discutir a miscigenação e outros assuntos de extrema relevância para o pensamento social brasileiro.

Sob uma perspectiva diferente, Victor Peres⁴⁷ buscou entender a polêmica levantada nas décadas de 1870 e 1880 dentro de uma discussão de âmbito regional. Em seu texto, *Os “chins” nas Sociedades Tropicais de Plantação*, o pesquisador traçou as percepções vigentes entre plantadores e políticos à respeito da mão de obra chinesa no século XIX. O autor explorou especialmente os Congressos Agrícolas do Rio de Janeiro e do Recife em 1878 e destacou a diferença entre os

⁴⁴ LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

⁴⁵ DEZEM, Rogério. *Matizes do “amarelo”: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878 – 1908)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

⁴⁶ LIMA, Silvio Cezar de Souza. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*. Rio de Janeiro: Dissertação, FIOCRUZ, 2005.

⁴⁷ PERES. *Os “chins” nas sociedades tropicais de plantações*.



fazendeiros que se reuniram na capital do Império daqueles que discutiram a questão na cidade pernambucana. Esse enfoque mostrou que as opiniões mudam consideravelmente de acordo com a região do país e da atividade econômica a qual se dedica um determinado grupo. O binômio cafeicultores/sacarcultor revela divergências, rivalidades e os diversos matizes entre a nem sempre unânime “elite” brasileira.

Os trabalhos previamente citados enfatizaram o debate do último quartel do século XIX quando o tema atraiu grande atenção de intelectuais e políticos. O historiador Carlos Moura⁴⁸, no entanto, construiu uma obra interessante analisando as tentativas de imigração chinesa na primeira metade do século XIX. O investigador pesquisou a questão a partir de fontes portuguesas em Macau e contribuiu bastante para a compreensão do projeto de D. João VI de transformar o Brasil em um grande produtor de chá para o mercado europeu. A tentativa de aclimação dessa planta arquitetada pelo então Príncipe Regente, chamou a atenção de vários viajantes⁴⁹ que não só relataram plantações de chá no Jardim Botânico, mas se depararam com chineses integrados em comunidades no interior do país.

Dentre os trabalhos produzidos sobre o tema no Brasil, *Os “chins” nas Sociedades Tropicais de Plantação* é o que mais se aproxima de uma perspectiva de história transnacional. Victor Peres estabelece um diálogo profícuo com as outras realidades latino-americanas que receberam uma maior quantidade de chineses, Cuba e Peru. A mobilização das experiências dessas sociedades, contudo, serviu ao autor para realçar a importância da temática para a formação sócio-histórica do Brasil. O pesquisador buscou romper com a perspectiva dos “excepcionalismos” que normalmente permeiam as análises que se baseiam apenas na história nacional, porém não se propôs a realizar um trabalho que definitivamente se debruçasse sobre as interações e conexões existentes entre debatedores peruanos, cubanos e brasileiros. Aparece nesse espaço uma lacuna na historiografia brasileira, isto é, a percepção do debate do século XIX sobre a imigração chinesa no Brasil como parte de uma discussão mais ampla que mobiliza grande parte dos países não só

⁴⁸ MOURA, Carlos Frederico. *Chineses e chá no Brasil no início do século XX*. Lisboa/Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Macau/Real Gabinete Português de Leitura, 2012. _____ *O projeto de Brum da Silveira, ouvidor de Macau, de envio de carpinteiros chineses para os arsenais reais do Brasil*. In: *Revista Navigator*, v.10, n.20, 2014 – p.21-28.

⁴⁹ BIARD, François. *Dois anos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945; EBEL, Ernst. *O Rio de Janeiro e os seus arredores em 1824*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, p.51 e p.131; ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto brasiliensis; memórias sobre as riquezas do Brasil em ouro, diamantes e outros minerais*. (Volume 2) São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p.452-453; GARDNER, George. *Viagens pelo Brasil; principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p.27-28 e p.425; GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil; e de uma estada nesse país durante os anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 60, p.179 e p.324; KIDDER, Daniel & FLETCHER, James. *Brasil e brasileiros (esboço histórico e descritivo)*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1941; SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941, pp294-295; WIED-NEUWIED, Príncipe Maximiliano de. *Viagem ao Brasil nos anos 1815 a 1817*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p.179-180 e p.434.



do continente americano, mas também de nações de outras partes do Mundo. Reconhecer essas conexões já é um passo importante, cabe à historiografia nesse momento se propor estudar o tema por uma vertente transnacional e conectada.

As possibilidades das conexões e da transnacionalidade

Como um grupo de imigrantes chineses em Cuba, sujeitos a contratos rigorosos de trabalho ajudaram a moldar as concepções contemporâneas de relações de trabalho? Ao repensarmos o documento com o qual iniciamos esse texto, podemos refletir no papel de um grupo marginal na sociedade cubana na construção de argumentos dentro de uma questão muito mais ampla. Partir do local pode nos ajudar a compreender assuntos de um âmbito global. Nesse sentido, o transnacional também é manifestado no local e, portanto, compreender a história por meio dessa perspectiva pode/deve considerar as localidades e o seu papel na construção dessas redes mais abrangentes.⁵⁰ Os depoimentos de Táng Chien, Wen A-chao, Chén Chíh e outras centenas de lavradores denunciando as longas jornadas de trabalho nos canaviais repercutem em esferas maiores e contribuem para o debate em torno da jornada de trabalho apropriada ao trabalhador.⁵¹ Participavam da mesma forma de um debate mais amplo, os chineses que se recusaram a entrar na mina de São João Del Rey⁵² em Minas Gerais ou os que reclamavam a ausência de arroz nas refeições como uma quebra de contrato dos fazendeiros do interior do Rio de Janeiro.⁵³ Perceber a história desses asiáticos na América pode auxiliar a historiografia a construir uma narrativa que esteja menos pautada pela agenda e pelos interesses ocidentais.

Esses novos caminhos de entendimento da história proporcionam novas descobertas e entendimentos do passado. A imigração chinesa, em especial, propicia a discussão de uma diversidade de assuntos como a aceitação do diferente nas diversas comunidades, as adaptações desses grupos, a miscigenação cultural ocorrida, os pré-conceitos e os conceitos construídos, o debate racista edificado e a discriminação racial cultivada. A polêmica em torno da formação nacional motivado pela possibilidade de entrada de milhões de asiáticos esteve presente nas elites brasileiras, mas também entre os seus pares mexicanos.⁵⁴ O sentimento anti-chinês não foi uma

⁵⁰ LEE. *Diaspora, Transnationalism, and Asian American Studies*, p.31.

⁵¹ *The Cuba Commission Report: a hidden history of Chinese in Cuba*, p.63-64.

⁵² EAKIN. *British enterprise in Brazil*, p.48.

⁵³ BARREIROS, Daniel de Pinho. Fronteira Agrícola, Estado e Trabalho Assalariado no Pós-Abolição Entraves estruturais ao emprego de imigrantes asiáticos (década de 1890). In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

⁵⁴ CRAIB III, Raymond B. Chinese Immigrants in Porfirian Mexico: A Preliminary Study of Settlement, Economic Activity and Anti-Chinese Sentiment. *Research Paper Series* No. 28, Maio 1996.



exclusividade de nenhum país, uma vez que essas nações se defrontavam com a necessidade de encarar mais um elemento na já complexa relação entre europeus, africanos e indígenas.

Todos os temas acima elencados podem ser estudados por uma perspectiva nacional ou global. Não se trata, contudo, de propor novos cânones conceituais para balizar futuras pesquisas. Análises transnacionais não ignoram a importância da nação e o seu papel. A interrelação entre as agendas nacionais e transnacionais constituem em um ponto de extrema relevância para o estudo da história transnacional. Os estudos de escala nacional não podem mais, contudo, ignorar as conexões e a importância de outras realidades no Mundo para a compreensão da sociedade brasileira.

Buscou-se nesse artigo apresentar caminhos ainda pouco explorados pela historiografia brasileira que, certamente, contribuirão bastante para a compreensão da nossa sociedade. Consiste em um desafio penetrar por esse caminho cuja trajetória apresenta incertezas. Um escopo maior pode levar a generalizações e comparações rasteiras. O desafio, porém, pode trazer resultados surpreendentes e abrir frentes de pesquisa até então ignoradas.